



INDICADORES DE COMPETITIVIDADE DA INDÚSTRIA



Confederação Nacional da Indústria

CNI. A FORÇA DO BRASIL INDÚSTRIA
















Indústria brasileira perde participação na economia mundial

A indústria brasileira continua a apresentar desempenho negativo no mercado mundial, com queda das participações nas exportações e na produção mundiais. O desempenho brasileiro foi pior que o da maioria de seus principais parceiros comerciais. Apenas o Japão registrou desempenho pior.

O resultado reflete a perda de competitividade da indústria. Nos últimos 10 anos, quatro dos cinco indicadores de competitividade aqui acompanhados registraram perda de competitividade. Apenas a taxa de câmbio real efetiva acumula uma pequena melhora.

Indicadores de competitividade da indústria brasileira

Variação acumulada

	2004-2014	2013-2014
 Participação nas exportações mundiais de manufaturados (em pontos percentuais)	 -0,15 p.p.	 -0,10 p.p.
	2005-2015	2014-2015
 Participação no valor adicionado mundial de manufaturados (em pontos percentuais)	 -0,82 p.p.	 -0,30 p.p.
 Custo unitário do trabalho efetivo em dólar real (percentual) ^{1/}	 40,6%	 -17,8%
 Taxa de câmbio efetiva real (percentual) ^{1/}	 -2,0%	 -18,0%
 Produtividade do trabalho efetiva (percentual)	 -17,0%	 0,1%

Em 2015, os três indicadores determinantes da competitividade apresentaram evolução positiva. A taxa de câmbio real efetiva caiu 18% (o que significa depreciação do real e aumento da competitividade) e o custo unitário do trabalho relativo efetivo em dólar real caiu 17,8%.

A recuperação recente está muito dependente da variação cambial. A produtividade do trabalho da indústria brasileira continua crescendo lentamente e a produtividade relativa efetiva está quase que estacionada (crescimento de 0,1%), o que mantém a recuperação em cheque.

Fonte: Elaborado pela CNI, com base em estatísticas do BLS, Banco Central de la República Argentina, BCB, IBGE, INDEC, INEGI, FUNCEX, FGV/IBRE, Macrodados, OECD, WTO, The Conference Board, UNIDO e da CNI.

^{1/} A competitividade decresce com o aumento do indicador.

p.p. = pontos percentuais.

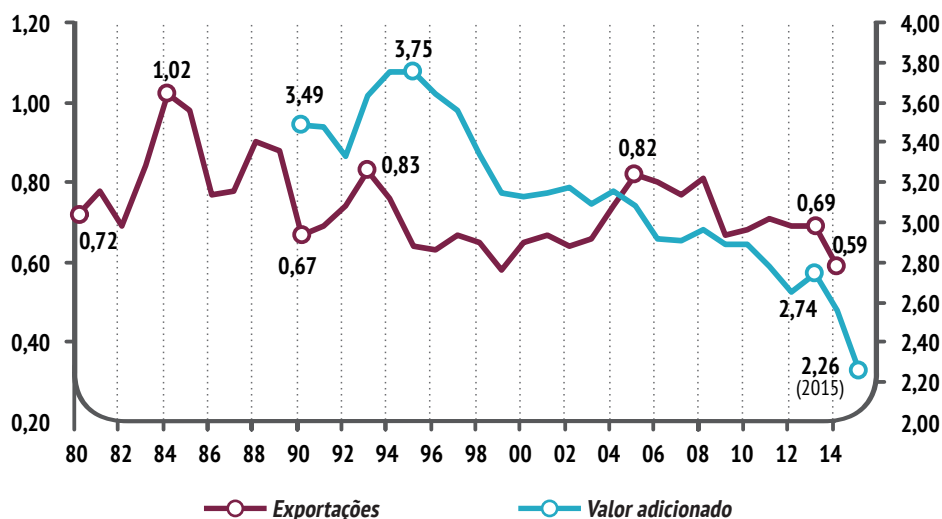
INDICADORES DE DESEMPENHO

Brasil continua perdendo participação na economia mundial

Entre 2013 e 2014, a participação do Brasil nas exportações mundiais de manufaturados recuou 0,10 ponto percentual, de 0,69% para 0,59%. No mesmo período, a participação brasileira no valor adicionado industrial mundial recuou 0,18 ponto percentual, de 2,74% para 2,56%. Estimativas da UNIDO apontam que entre 2014 e 2015 a participação brasileira caiu 0,30 ponto percentual, a maior queda na comparação com seus principais parceiros comerciais¹.

O desempenho recente da indústria brasileira só não foi pior que o da indústria japonesa. A participação japonesa nas exportações mundiais de manufaturados recuou 0,39 ponto percentual, de 5,12% para 4,73% e a participação no valor adicionado industrial recuou 0,44 ponto percentual, de 9,6% para 9,16%.

Participação do Brasil nas exportações e no valor adicionado mundial de produtos manufaturados (%)



Fonte: Elaborado pela CNI, com base em estatísticas da WTO e da UNIDO.

Note-se que a perda de participação no valor adicionado mundial atingiu quase todos os principais parceiros comerciais do Brasil, ainda que em menor intensidade. Apenas China e Coreia do Sul registraram aumento da participação no valor adicionado mundial de manufaturados nos últimos anos. Entre 2013 e 2014, a participação chinesa cresceu 1,0 ponto percentual, de 21,91% para 22,91%, enquanto a participação sul-coreana cresceu 0,03 ponto percentual, de 3,05% para 3,08%. Em 2015, segundo estimativas da UNIDO, a participação da China continuou crescendo (0,93 ponto percentual), mas a da Coreia do Sul ficou praticamente inalterada (aumento de 0,01 ponto percentual).

No que se refere às exportações, a participação chinesa aumentou 0,44 ponto percentual, de 16,98% em 2013 para 17,42% em 2014 – o maior aumento entre os 12 países considerados. O México aparece com o segundo maior aumento, de 0,12 ponto percentual, de 2,33% para 2,45%, sendo que sua participação mostra crescimento desde 2012. Em comparação com 2011, a participação mexicana cresceu 0,37 ponto percentual.

Alemanha e Países Baixos mostram recuperação da competitividade no período recente. Entre 2013 e 2014, a participação alemã aumentou de 10,09% para 10,19% (0,10 ponto percentual) e a holandesa de 3,25% para 3,29% (0,04 ponto percentual).

¹ Estados Unidos, Argentina, China, Alemanha, México, Japão, França, Itália, Coreia do Sul, Países Baixos e Reino Unido.



Participação no valor adicionado mundial de produtos manufaturados, preços de 2010, Brasil e principais parceiros comerciais

Participação (%) e variação acumulada (pontos percentuais)

ANO	BRASIL	ESTADOS UNIDOS	ARGENTINA	CHINA	ALEMANHA	MÉXICO	JAPÃO	FRANÇA	ITÁLIA	COREIA DO SUL	PAÍSES BAIXOS	REINO UNIDO
PARTICIPAÇÃO (%)												
2005	3,08	20,43	0,62	11,75	7,29	1,91	11,14	3,13	3,70	2,54	0,96	2,66
2014	2,56	16,56	0,69	22,91	6,47	1,71	9,16	2,39	2,48	3,08	0,80	1,96
2015	2,26	16,54	0,66	23,84	6,37	1,70	8,93	2,34	2,42	3,09	0,79	1,93
VARIAÇÃO ACUMULADA (PONTOS PERCENTUAIS)												
2005-2015	-0,82	-3,89	0,04	12,09	-0,92	-0,21	-2,21	-0,79	-1,28	0,55	-0,17	-0,73
2014-2015	-0,30	-0,02	-0,03	0,93	-0,10	-0,01	-0,23	-0,05	-0,06	0,01	-0,01	-0,03

Fonte: Elaborado pela CNI, com base em estatísticas da UNIDO.

Participação nas exportações mundiais de produtos manufaturados, Brasil e principais parceiros comerciais

Participação (%) e variação acumulada (pontos percentuais)

ANO	BRASIL	ESTADOS UNIDOS	ARGENTINA	CHINA	ALEMANHA	MÉXICO	JAPÃO	FRANÇA	ITÁLIA	COREIA DO SUL	PAÍSES BAIXOS	REINO UNIDO
PARTICIPAÇÃO (%)												
2004	0,74	9,72	0,14	7,94	11,62	2,20	7,67	5,43	4,53	3,38	3,57	4,11
2013	0,69	9,20	0,20	16,98	10,09	2,33	5,12	3,68	3,45	3,93	3,25	2,78
2014	0,59	9,21	0,17	17,42	10,19	2,45	4,73	3,61	3,46	3,91	3,29	2,78
VARIAÇÃO ACUMULADA (PONTOS PERCENTUAIS)												
2004-2014	-0,15	-0,51	0,03	9,48	-1,43	0,25	-2,94	-1,82	-1,07	0,53	-0,28	-1,33
2013-2014	-0,10	0,01	-0,03	0,44	0,10	0,12	-0,39	-0,07	0,01	-0,02	0,04	0,00

Fonte: Elaborado pela CNI, com base em estatísticas da WTO.

Os indicadores de desempenho

O desempenho do país na oferta de bens em comparação com o desempenho dos demais países reflete sua competitividade. As participações do Brasil na produção e nas exportações mundiais são indicadores de competitividade *ex-post*, ou seja, de resultado da indústria brasileira.



INDICADORES DETERMINANTES

PRODUTIVIDADE DO TRABALHO DA INDÚSTRIA BRASILEIRA

Produtividade do trabalhador industrial brasileiro cresce em ritmo moderado

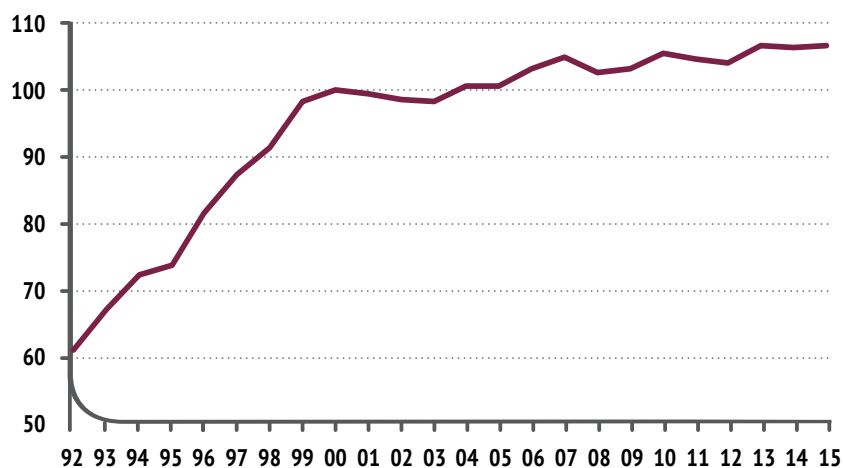
Em 2015, a produtividade do trabalhador industrial brasileiro – medida como o produto dividido pelas horas trabalhadas – cresceu 0,4%, fazendo com que o acumulado dos últimos 10 anos (2005 a 2015) ficasse em 6,2%. Nos anos recentes, o ritmo de aumento da produtividade do trabalho

diminuiu, refletindo os efeitos da recessão da atividade econômica. No quinquênio 2005/2010, a taxa de crescimento acumulada da produtividade foi de 4,8%. Essa taxa se reduziu para 1,3% no quinquênio 2010/2015.

Produtividade do trabalho, Indústria de transformação brasileira, 1992–2015

(Produto por horas trabalhadas)

(Índice, 2000=100)



Fonte: Elaborado pela CNI, com base em estatísticas do IBGE e da CNI.

Ainda que pequeno, o aumento da produtividade é positivo, porém seu efeito sobre a competitividade depende do comportamento da produtividade

nos demais países. Para essa análise, utiliza-se o indicador de produtividade do trabalho relativa efetiva.

PRODUTIVIDADE DO TRABALHO RELATIVA EFETIVA

Produtividade do trabalho relativa efetiva do Brasil segue estagnada

Em 2015, a produtividade relativa efetiva manteve-se praticamente estável, crescimento de 0,1%. O indicador quase não se altera há quatro anos. Entre 2011 e 2015, acumulou variação de -0,4%.

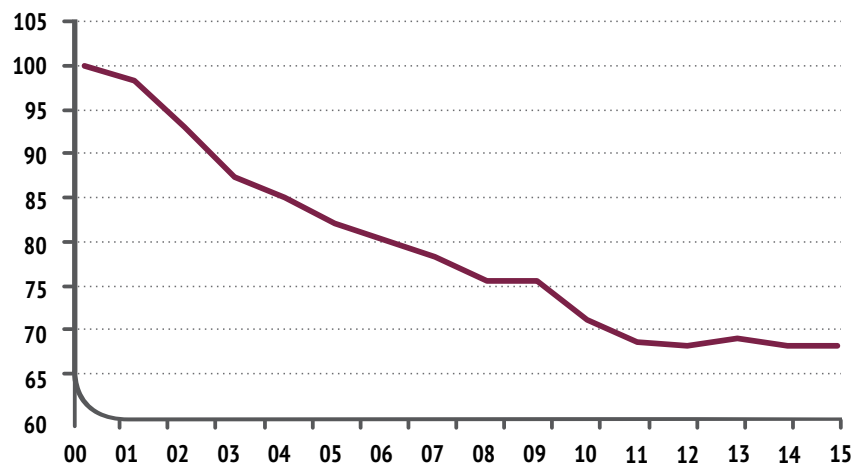
O indicador não mostra sinais de recuperação. Nos últimos 10 anos, acumulou queda de 17% e de 32% desde 2000, ano de início da série.

Entre os 11 principais parceiros comerciais do Brasil, a produtividade da indústria brasileira cresceu, em 2015, relativamente à de cinco países (Argentina, México, Japão, Coreia do Sul e Reino Unido). Em relação ao Japão, o crescimento foi de 2,2% e, em comparação com os demais países, variou de 0,3% a 0,7%. As maiores quedas foram com relação à França (-3,0%), Países Baixos (-1,3%) e Itália (-1,1%).

Produtividade do trabalho relativa efetiva, 2000–2015, Indústria de transformação

(Produto por horas trabalhadas)

(Índice, 2000 = 100)



Fonte: Elaborado pela CNI, com base em estatísticas do IBGE, INDEC, INEGI, FUNCEX, The Conference Board e da CNI.

A produtividade do trabalho relativa efetiva

A produtividade é um dos principais determinantes da competitividade, sendo definida aqui como o volume produzido por hora trabalhada. O efeito sobre a competitividade depende da evolução relativa da produtividade, ou seja, comparada com a evolução nos demais países. O indicador de produtividade do trabalho relativa efetiva mede a evolução da produtividade do trabalho da indústria brasileira em comparação com a evolução da produtividade das indústrias dos principais parceiros comerciais do Brasil. Desse modo, quanto maior o indicador, maior será a competitividade da indústria brasileira.

TAXA DE CÂMBIO REAL EFETIVA

Competitividade continua melhorando quando medida pelos preços relativos

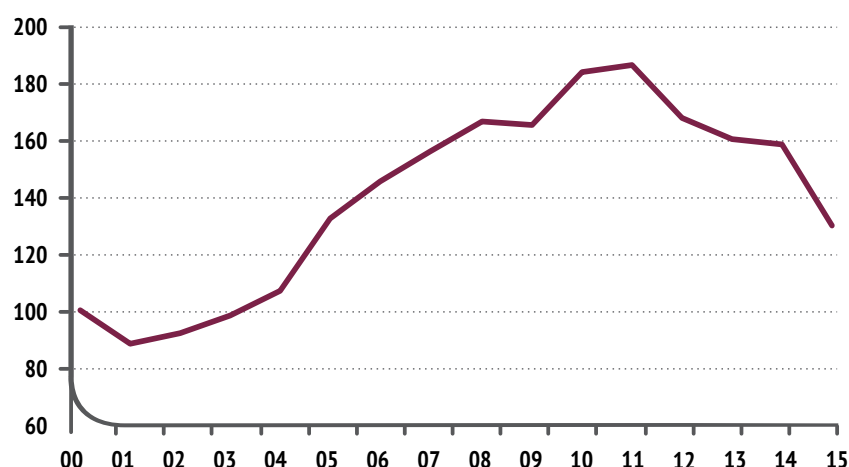
O indicador de competitividade-preço da indústria brasileira – a taxa de câmbio real efetiva – vem mostrando recuperação desde 2012. Em 2015, o indicador caiu 18% na comparação com o ano anterior (o que significa depreciação do real e aumento da competitividade). Em relação à 2011, acumulou queda de 30,3%, de modo que retornou ao patamar de 2005.

Entre 2011 e 2015, a moeda brasileira se depreciou, em termos reais, em relação à moeda de todos os parceiros comerciais. As maiores depreciações foram registradas em relação ao peso argentino (41,6%), ao dólar estadunidense (34,7%), ao iuan (31,3%) e à libra esterlina (31,1%).

Taxa de câmbio real efetiva, 2000–2015, Indústria de transformação

(Cesta de 11 moedas por real)

(Índice, 2000 = 100)



Fonte: Elaborado pela CNI, com base em estatísticas do BLS, Banco Central de la República Argentina, BCB, FUNCEX, FGV/IBRE, Macrodados, OECD, WTO e NBS.

A taxa de câmbio real efetiva

A taxa de câmbio real é utilizada para acompanhar a evolução dos preços em dois países, mensurados em uma mesma unidade monetária. Quando os preços no Brasil crescem acima da taxa de crescimento dos preços no parceiro comercial, os produtos brasileiros ficam mais caros, ou seja, perdem competitividade. A taxa de câmbio real é medida como o preço da moeda do parceiro comercial em termos da moeda brasileira. Assim, um aumento do indicador significa perda de competitividade, ou seja, apreciação do real. Nesse sentido, ela é um indicador de competitividade-preço do país. A taxa de câmbio real efetiva compara a evolução dos preços no Brasil com a média dos preços de um conjunto de países. Considera-se, para esse cálculo, os 11 principais parceiros comerciais do Brasil, ponderando-os pela sua participação no fluxo de comércio do Brasil.

CUSTO UNITÁRIO DO TRABALHO RELATIVO EFETIVO

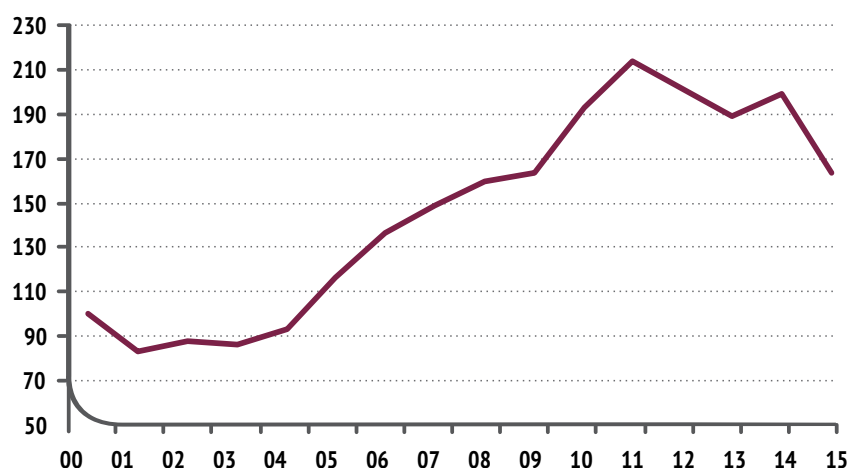
Melhora no custo unitário do trabalho é puxada pela depreciação do real

Em 2015, o indicador de competitividade-custo da indústria brasileira caiu 17,8% – o que significa aumento da competitividade – reforçando a tendência de queda iniciada em 2012. Entre 2011 e 2015, o custo unitário do trabalho relativo efetivo em dólar real (CUTRE) acumulou queda de 23,3%. Nesse período, o custo unitário do trabalho relativo real caiu mais em relação à Argentina (-36,4%), Coreia do Sul (-32,8%) e Estados Unidos (-28,5%)².

Apesar da recuperação recente, o indicador ainda acumula, nos últimos 10 anos, alta de 40,6%. As maiores perdas acumuladas de competitividade são com relação às indústrias do Japão, França e Reino Unido, com aumento do custo unitário do trabalho relativo de, respectivamente, 123,3%, 81,9% e 80,1%.

Custo unitário do trabalho relativo efetivo em dólar real, 2000–2015, Indústria de transformação

(Índice, 2000 = 100)



Fonte: Elaborado pela CNI, com base em estatísticas do BLS, Banco Central de la República Argentina, BCB, IBGE, INDEC, INEGI, FUNCEX, FGV/IBRE, Macrodados, OECD, WTO, The Conference Board e da CNI.

O CUTRE pode ser decomposto em salário médio real relativo efetivo, produtividade relativa efetiva e taxa de câmbio real efetiva (TCRE), o que permite identificar a contribuição de cada componente para a evolução do indicador. O CUTRE tem uma relação direta com o salário

real relativo efetivo e a TCRE e inversa com a produtividade relativa efetiva. Em outras palavras, o CUTRE aumenta com o aumento do salário real relativo efetivo e a apreciação do real (indicada por um aumento da TCRE) e com a redução da produtividade relativa efetiva.

² A China não é considerada no cálculo do CUTRE devido à falta de informações.

CUT relativo e efetivo e seus componentes (relativos e efetivos), Brasil em relação a principais parceiros comerciais, Indústria de transformação

Variação acumulada (%)

PAÍS	2005-2015				2014-2015			
	w	Y/H	q ^{1/}	CUT	w	Y/H	q ^{1/}	CUT
Indicador "efetivo"	18,2	-17,0	-1,4	40,6	1,9	0,1	-19,3	-17,8
Indicadores relativos								
Estados Unidos	48,2	-11,8	-5,1	59,6	-0,4	-0,1	-20,4	-20,6
Argentina	-40,8	-33,4	-21,3	-30,0	0,7	0,7	-31,9	-31,8
Alemanha	34,6	-8,2	16,5	70,8	4,0	-0,3	-9,5	-5,5
México	52,0	-5,4	10,6	77,5	3,0	0,8	-10,0	-8,0
Japão	53,7	-15,6	22,6	123,3	6,8	2,2	-13,6	-9,7
França	31,7	-15,9	16,1	81,9	4,6	-3,1	-9,3	-2,0
Itália	38,3	-6,1	11,9	64,7	5,8	-1,0	-9,4	-3,1
Coreia do Sul	6,1	-31,6	8,5	68,3	3,8	0,7	-18,4	-15,9
Países Baixos	54,7	-7,6	2,7	71,9	2,4	-1,3	-8,9	-5,5
Reino Unido	54,2	-7,7	7,8	80,1	3,7	0,3	-18,2	-15,4

Fonte: Elaborado pela CNI, com base em estatísticas do BLS, Banco Central de la República Argentina, BCB, IBGE, INDEC, INEGI, FUNCEX, FGV/IBRE, OECD, WTO, The Conference Board e da CNI.

Nota: Descrição dos indicadores: w = Salário médio real; Y/H = Produtividade do trabalho; q = Taxa de câmbio real.

^{1/}A taxa de câmbio real efetiva é a relação entre a moeda local do país e a moeda brasileira. Um aumento do índice da taxa de câmbio indica apreciação cambial. Cabe ressaltar que a China não foi incluída nesse cálculo.

Em 2015, a produtividade do trabalho, com aumento de 0,1%, praticamente não afetou o CUTRE. Os salários, por sua vez, contribuíram negativamente (aumento de 1,9%), sendo que o principal determinante foi a depreciação do real (o real depreciou-se 19,3%).

Entre 2011 e 2015, salário e taxa de câmbio contribuíram de maneira significativa para a evolução do CUTRE. O salário médio real na indústria de transformação brasileira aumentou 11,1% em relação à média dos salários nos principais parceiros comerciais, contribuindo para o aumento do CUTRE e, conseqüentemente, a redução da competitividade. Apenas em relação à Coreia do

Sul o país registrou queda do salário médio real (3,9%). Em relação aos demais países, os maiores aumentos foram registrados em comparação com o Japão (24,7%), seguido do Reino Unido (16,0%), do México (15,4%) e da Itália (15,2%).

A contribuição negativa dos salários para a competitividade no período recente foi mais que compensada pela depreciação acumulada pelo real, o que determinou a redução do CUTRE. Na mesma base de comparação, a taxa de câmbio real efetiva de manufaturados apresentou queda (depreciação) de 31,4%, levando o CUTRE a se reduzir em 23,3%.



A produtividade do trabalhador industrial brasileiro quase não variou em relação à média da produtividade dos trabalhadores industriais nos principais parceiros comerciais (queda de 0,6%) entre 2011 e 2015. A produtividade do Brasil caiu em relação a sete de 11 países considerados, sobretudo com relação à Argentina (5,4%) e à França (4,8%). As maiores altas foram com relação aos Estados Unidos (2,9%) e ao Reino Unido (2,5%).

Não obstante, nos últimos 10 anos, salário real e produtividade fizeram com que a competitividade-custo se reduzisse. Entre 2005 e 2015, o salário real relativo efetivo cresceu 18,2%, a produtividade do trabalho relativa efetiva caiu 17% e a taxa de câmbio real efetiva acumulou queda (depreciação) de 1,4%. Com isso, o CUTRE apresentou aumento de 40,6%.

O custo unitário do trabalho relativo efetivo em dólar real

O Custo unitário do trabalho (CUT) representa o custo com o insumo trabalho necessário para se produzir uma unidade de um bem. Nesse sentido, ele é um indicador de competitividade-custo do país. O país tende a perder competitividade quando seu CUT cresce acima do CUT dos outros países. O custo unitário do trabalho relativo permite acompanhar a evolução do CUT de dois países, o que requer a utilização de uma moeda comum, em geral o dólar. O Custo unitário do trabalho relativo efetivo (CUTRE) compara a evolução do CUT do país com a evolução do CUT dos seus principais parceiros comerciais.



Veja mais

Mais informações sobre a nova metodologia e tabelas de dados da pesquisa em:

www.cni.org.br/competindustria